

As tranças da chalá

Halina Grynberg*

Chalá é o que meu pai melhor fazia.

O pão trançado, a massa leve em vaga doçura e uma pitada de sal, polvilhado com sementes de papoula. O forno era lento e antiquado na casa de Madureira. Fogão de má qualidade, barato e de segunda mão, herdado do irmão morto. Meu tio Luís faleceria três dias após nossa chegada ao Brasil, a convite seu. Era solteiro, iria morrendo de câncer, e a herança se perderia. Pouca coisa, mas era preciso deixar algo para alguém. A transmissão perpetuada, o fluxo de vida para além de cada um, para além dele, mísero e solitário judeu perdido nos trópicos.

Deixou-nos, além do fogão, a pequena casa de vila em Madureira. E uma clientela barata para meu pai que, de uma hora para outra, mudaria de ofício mais uma vez. Não mais a lida com o pão de cada dia junto aos fornos de padarias mundo afora, mas o caminhar ofegante pelos becos do subúrbio, a grande mala pesando na mão, repleta de quinquilharias. Suando em bicas, burro sem rabo e sem carroça, batia palmas e emitia uns alaridos que nem português seriam ainda, alvoroçava a vizinhança com seu tom de voz arrogante. Fazia-lhes o favor de bater a sua porta, parecia. Interpelava-os como um Moisés o faria ao povo eleito por adorarem o bezerro de ouro que ele próprio lhes trazia, fora da lei, longe das regras. De que teria adiantado a longa estadia no navio em águas mediterrâneas, a imigração fazendo o mundo parecer um deserto profano, se não ensinasse aos outros o louvor a vida? – meu pai ruminava, enquanto aguardava que respondessem a seu chamado. Sabia tudo quando se tratava da natureza humana, suas mazelas, os subterfúgios, a infâmia. Fazia crer certezas como sendo o único contra quem ninguém teria algo a dizer. Honrado, para além do bem e do mal. Perfeito como a chalá que modelava nas tardes de Sexta-feira sobre a pedra mármore assentada no cavalete de madeira, perto da porta da cozinha e abrigada do sol. Inteiramente dedicado, a que a massa não ressecasse ao calor tórrido, já que intenção não tinha de fazer o pão ázimo, era a própria encanação da ressurreição – tendo ido ao inferno e voltado são e salvo, não haveria de comer o pão que o diabo amassou Ressurgira dos esgotos nos campos de extermínio alemães, límpido e impecável, como recém saído de um banho litúrgico no Shabat. Sem nódoas, sem memórias a contar, sem legado a perpetuar. Apenas o prazer de estar vivo e fazer a chalá.

Mas, seu irmão tinha uma herança a deixar, pequena mas suficiente, e com o apoio da Cruz Vermelha Internacional localizou-nos. Dez anos após a Segunda Grande Guerra os sobreviventes ainda se procuravam, famílias retalhadas, restos ao vento. Pedaco decepado em busca do outro, no infinito quebra-cabeças que o mundo se tomara. Desalojados, transtornados, impedidos de retornar, aviltados todos como nós e agarrados à uma doida esperança que não se dissolvia. Algo aconteceria, alguém viria, acreditava-se na chegada do Messias. Assim, em mais um dia enevoado de outono parisiense, um emissário foi a nosso encontro, na Rue Desirée, 18. Não se chamava Gabriel, mas deixou a boa nova na portaria do prédio.

Afobado o *conciérge* subiu quatro lances da escada que se desmanchava ao poucos, a madeira corroída pela umidade e o tempo. Quando fosse *renouvellé*, como prometiam autoridades francesas, seriam visíveis *les poutres du XVII siècle* e os apartamentos teriam banheiros privados, maiores até que a nosso quarto alugado de então. Algo que nem poderíamos imaginar. Porém o *conciérge* argelino, um *pied-noir* qualquer evadido de uma Argélia em sempre guerra, supôs que nós éramos importantes e não sabia. "Um mensageiro procura o Sr. Isaac. É uma telegrama internacional...". Sei não de quem o espanto maior, nosso ou do argelino. Como se D'us houvesse dado um sinal de si e indicasse uma direção.

Tínhamos a nossa Terra Prometida, alguém queria saber de nós, um elo, um cordão nos unia umbilicalmente, atravessando geografias nunca antes mapeadas. Pertencíamos com as tranças da chalá pertencem a si e porque são suavemente interligadas as comemos de pedaço em pedaço após a benção do Shabat. Cada um a migalha do Sagrado que absorvemos em nosso interior, a fazer parte de nosso sangue.

Ou seria algo que meu pai fizera e finalmente haviam descoberto?, sempre podia ser. Eu já pressentia seu estar à margem, roçando a ilegitimidade qual amante proibida. Acho mesmo que preferia ser clandestino, sem nome ou berço. Ou com vários nomes e vários berços, que iria escolhendo e tomando para si, ao Deus dará.

Tinha vocação cosmopolita, admiti, quando o vi em Madureira, e a fôrma com as duas chalás sendo empurradas ao forno pré-aquecido, velho como o mundo. Não era para liturgia do Shabat que assava o pão nas tardes de Sexta-feira, nenhuma benção a proferir. Como se não houvesse a quem prestar contas. Fazia-o como quem detém a arte de multiplicar os pães. Os outros que o dividissem entre si à luz das velas, sobre a mesa posta com toalha branca, onde o cálice de vinho deixara uma tênue mancha e aguardava pelo *le chaim*, brindando a vida que se renova. Esperava, dissimulado, ser lembrado por esses outros nas preces que não ousava fazer por si mesmo.

Durante muito tempo achei que a chalá era a melhor coisa da vida. Talvez porque meu pai a fizesse tão cerimoniosamente. Cautelosamente, como se a acariciasse a cada volteio, estendia a massa do pão, jogando-a de um lado para o outro, batendo na pedra da pia enfarinha e suave, cuidando para que não embolasse ou fizesse nós, teria que ser sempre macia na medida certa, e por isso a assoprava como quem assopra o barro para fazer o homem.

Meu pai era um deus temido por mim. E amado, quando fazia a chalá.

*Halina Grynberg é escritora e psicanalista no Rio de Janeiro. É autora de, entre outros títulos, *Mameloshn: memória em carne viva*, de 2004.